

UMA REVISÃO DA TRADIÇÃO ARATU NA BAHIA

Luydy Abraham Fernandes

RESUMO

Revisamos os critérios para a construção da tradição Aratu pelos principais autores. Compilamos dados sobre as dimensões dos sítios, a implantação no ambiente, a cerâmica e os sepultamentos, dentre outros aspectos. Apontamos seus elementos caracterizadores com ênfase para a cronologia e para a distribuição geográfica dos sítios no estado da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Características da tradição Aratu, Bahia, Cronologia.

ABSTRACT

We reviewed the criteria for the construction of tradition Aratu by major authors. Compiled data on the dimensions of the sites, the deployment environment, pottery and burials, among other things. We point out their characteristic elements with emphasis to the chronology and the geographical distribution of sites in the state of Bahia.

KEYWORDS: Characteristics of the Tradição Aratu, Bahia, Chronology.

A TRADIÇÃO ARATU

Esse artigo se estriba num levantamento que fizemos no mestrado (FERNANDES, 2003), complementado com novos dados surgidos durante as pesquisas do doutoramento (FERNANDES, 2011a). Incluímos subsídios recentes obtidos em campanhas. Julgamos pertinente publicar esse levantamento dos sítios Aratu da Bahia como forma de disponibilizar os elementos reunidos ao longo desse tempo. Para oferecer uma visão panorâmica recolhemos das investigações de outros pesquisadores as caracterizações da tradição ceramista arqueológica Aratu. Convém recordar que lidamos com uma categoria particular da cultura material e, sobretudo, para a Bahia, de um aspecto do contexto simbólico funerário bem demarcado. Ao que tudo indica tais grupos indígenas produtores dessa cultura material não foram contatados pelo colonizador, tendo se extinguido ou se transformado antes. Nos raros casos em que existem objetos intrusivos nos sítios, que pressuponham contemporaneidade com o colonizador lusitano, tais contextos não foram detalhados suficientemente. A literatura apresenta dois supostos casos próximos ao contacto:

Temos, para o final da seqüência seriada da Fase Itaúnas, uma datação relativa de A.D. 1610 a 1630, que corresponde a expansão das atividades do convento jesuítico de Nova Almeida. Durante a realização de cortes estratigráficos no sítio, pudemos constatar um único vestígio europeu junto ao material arqueológico, que é um caco de vidro onde foi confeccionado um raspador com escotadura. (PEROTA, 1971, p. 8)

Tradição Aratu - Fase Aratu - [referindo-se ao período cronológico desta Fase] (1080±90 – 1500 com ocupações portuguesas). (CALDERÓN, 1973, p. 26)

Embora as datações na segunda citação sejam fruto de um equívoco, conforme discutiremos na revisão das datações, cremos que o autor referia-se a contextos de reocupações portuguesas sobre sítios há muito abandonados. Contudo, no atual estado de conhecimento não temos elementos para qualquer afirmação de contemporaneidade.

A abrangente tradição Aratu, estabelecida no final dos anos sessenta, abriga comunidades certamente tão diversificadas entre si que não se reconheceriam ou teriam a mesma organização social e, provavelmente, nem se entenderiam verbalmente, conforme o atesta a doutora González para o contexto goiano.

[...] não é mais possível, por exemplo, persistir com a classificação dos sítios através das características gerais que suas indústrias cerâmicas apresentam, porque estaríamos relacionando

vestígios de ocupações notadamente diversas. Os 122 sítios relacionados à tradição Aratu [em Goiás] não formam, definitivamente, um único grupo cultural, apresentando significativas variações no tempo e no espaço. [...] O procedimento básico está em reconhecer que as variações apresentadas não constituem exceção a ser forçosamente incorporada a uma ou outra tradição arqueológica pré-existente, mas sim a uma situação de fato que necessita emergir com todas as multi-faces que possui. (GONZÁLEZ, 1996b, p. 216)

Uma constatação desse teor questiona a validade e aplicabilidade dos esquemas classificatórios para equacionar novos contextos destoantes dos sítios, artefatos e características tomadas como padrão representativo da tradição arqueológica. Apesar de estarmos forçando novas evidências para dentro de um molde que não mais suporta seu conteúdo, admitimos de considerável valia manter essa nomenclatura consagrada, cientes das suas falhas, porém, reconhecendo que ela faculta um intercâmbio com o produzido e um diálogo fácil, de rápida apreensão, entre os pesquisadores da atualidade e com os trabalhos publicados há anos, conforme veremos a partir daqui.

A TRADIÇÃO ARATU PARA VALENTIN CALDERÓN

A primazia de batizá-la coube a Valentin Calderón, emprestando-lhe o nome da baía próxima a qual estava o sítio então mais relevante. Em 1967-8 um somatório de pesquisas e salvamentos no Recôncavo e Litoral Norte permitiu a identificação de uma nova fase cerâmica (Aratu), ampliando o conhecimento arqueológico na Bahia (CALDERÓN, 1969). A importância desse sítio, chamado Guipe por conta do riacho barrado, reside nas evidências que proporcionaram a associação contextual da camada estratigráfica de fragmentos cerâmicos com as já conhecidas urnas funerárias periformes descontextualizadas.

Embora tenhamos que lamentar a destruição pelas máquinas deste sítio de interesse excepcional pelo tamanho e profundidade do refugio e a abundância de material, a tal fato devemos a oportunidade única de ter podido associar um aspecto cultural que, mesmo bastante difundido, nunca se encontrou ligado a outras evidências arqueológicas. Nos referimos às grandes igaçabas periformes para enterratórios primários, frequentes neste Estado. (CALDERÓN, 1969, p. 164).

Pela metodologia do PRONAPA os fragmentos cerâmicos coletados nos sítios, “[...] nos quais foi possível reunir 27 coleções estratigráficas e de superfície, com um total de 8.067 cacos

assim como oito urnas funerárias completas e outros vasos, permitiram estabelecer as características da fase Aratu [com seriação e método Ford]” (CALDERÓN, 1969, p. 163). Além desse critério básico extraímos das publicações do Calderón um roteiro de pontos comuns e complementares, caracterizadores da fase. Mesmo sendo considerações gerais, sem escavações sistemáticas, dão elementos que comporão um panorama ao qual acresceram detalhamentos. Vejamo-los por sítios, posteriormente, condensados em síntese geral:

Para o sítio Guipe: Topografia da região de implantação do sítio suavemente ondulada; - Camada de ocupação com 60 cm de terra escura, carregada de húmus, coberta por um primeiro estrato estéril de 15 cm; - Ampla área abaulada de 300 x 200m; - Presença de manchas de terra preta ao redor do “núcleo principal”, interpretadas como “outros tantos sítios-habitações”; - Associação dos sepultamentos em urna com os artefatos cerâmicos das camadas de ocupação, principalmente pelo “tempero” ou antiplástico neles constatado; - Elevado número de grandes urnas, 54, em torno do sítio habitação e dentro dele.

Para o sítio de Beliscão: Implantado no cume de elevação vizinha ao rio Bu; - Área de 200 x 100m; - Rochas com bacias de polimento nas margens do rio Bu; - Estratigrafia com 90 cm de profundidade; - Enterramentos em urnas periformes, com 75 cm de altura, 65 cm de largura máxima e 45 cm de abertura; - As urnas são depositas em lugares elevados, em grupos de 2, 3 ou mais, associados ou não a sítios-habitação; - Urnas sem decoração (exceto um vaso com marca de corda impressa ao redor da boca), com uma tigela como opérculo; - vasilhas “semelhantes” emborcadas dentro das urnas, que teriam protegido os restos humanos e objetos do morto (acompanhamentos funerários), como: machados polidos e fusos de fiar; - Quebra-cocos frequentes nesta fase.

Para essa publicação inicial teceremos comentários necessários para extrairmos uma maior compreensão sobre o transcrito. O que no momento soa como um agrupamento de sítios, indecifráveis da forma com foram descritos os salvamentos, se configurará em um dispositivo espacial bastante compreensível no último dos artigos considerados. Por sua vez, a frequência dos quebra-cocos, embora estivesse integrada às demais considerações sobre o sítio Beliscão, aplica-se ao conjunto inicial de sítios localizados na fase Aratu e não, especialmente a um só sítio.

Tomemos a próxima obra, referente ao Litoral Norte e Região Ocidental (CALDERÓN, 1971):

Para os sítios da região do Litoral Norte da Bahia: Assentamentos até 300m de diâmetro (alguns com menos de 30m); - Ocupam pequenas planícies e elevações, um à margem do mangue; - Localizados em solos férteis escuros; - Quase todos são sítios habitação e cemitérios; - No Pimenteira, BA-LN-10, havia uma camada arqueológica com mais de 40 cm; - Nele notou-se a associação com cerâmica da fase Itapicuru (Tupiguarani) que surge apenas na camada superficial; - Vasos globulares e gargalo de borda perpendicular; vasos pequenos com formas parecidas às das urnas e ausência de pintura são características. Notou-se também o engobo com grafite; - Blocos com bacias de polimento, raspadores, amoladores e grandes lascas compondo o conjunto lítico do sítio.

Para o sítio São Desidério (BA-RRG-03), na Região Ocidental: Situado num anticlinal suave de solo fértil a 250m do rio São Desidério; - Cortado em 500m por um canal que destruiu parcialmente cerca e 25 urnas funerárias; - Eram enterramentos primários em urnas periformes com uma linha incisa em torno do lábio arredondado. Vasos ou fragmento de urna serviam de opérculos; - Fragmentos de vasos e objetos líticos no sedimento invasor das urnas; - Urnas grandes e pequenas, interpretadas como sendo para adultos e crianças. Nas menores, não se encontraram acompanhamentos; - Os tipos de pastas, forma e bordas das urnas e dos vasos nelas encontrados correspondem à fase Aratu; - Machados lascados e polidos, fusos de fiar, lascas retocadas e raspadores compõem a utensilhagem lítica do sítio; - Presença de uma linha incisa em torno do lábio das urnas em todos os sítios do além São Francisco.

Vejamos agora a última obra dentro da perspectiva do PRONAPA, na qual o autor trata do Recôncavo e Sul do Estado (CALDERÓN, 1974):

Para o sítio da Viúva (BA-LN-88), no Centro Industrial de Aratu, Recôncavo: Encontradas 6 grandes urnas periformes na retirada de terra da margem de uma estrada para o ajardinamento da fábrica Madapan; - Igaçabas medindo 65 cm, para a altura, 70 cm de diâmetro máximo, 58 cm de abertura e espessura de 15 mm, sem decoração com opérculos quase todos quebrados; - Uma urna com grande quantidade de ostras, talvez recobrimdo o cadáver com finalidade ritual. Encontrados pequenos machados polidos nos enterramentos.

Para a fase Aratu no Recôncavo: Localização variada dos sítios nas margens de mangues e no topo de pequenas colinas; - O terreno silicoso, escuro, profundo e úmido é comum, sendo bastante fácil de escavar; - Uma ou mais manchas agrupadas, com grandes clareiras entre elas, interpretadas como aldeias de praça central; - Estratigrafia com até um metro; - Urnas funerárias periformes agrupadas a pouca profundidade, em lugares elevados.

Para fase Itanhém, do sul da baía de Todos os Santos até o sul do estado: Sítios menores que os da fase Aratu, com manchas de 10 a 15m de eixo maior, alinhadas ou em círculos. Sítios de única mancha também registrados; - Mesmo padrão de sepultamentos, agora com decoração “corrugada ondulada”, ou corrugado imbricado (LA SALVIA e BROCHADO, 1989), ou corrugado ondulado, ou corrugado unglado em larga faixa ao redor da boca até o diâmetro máximo da igaçaba; - Tigelas usadas como opérculos, algumas o diâmetro maior que o da abertura da urna, noutros casos, o recipiente cobria a cabeça do cadáver; - Características é a decoração corrugada ondulada em torno da boca dos vasos globulares, de paredes finas e alisadas, eventualmente com grafite, também aplicado nas urnas.

Na leitura cronológica dos artigos, flagramos a evolução da compreensão dos sítios. Num sentido amplo, 5 classes de informações foram buscadas para descrever e publicar os resultados. São elas: Ambiente de inserção dos sítios. - Dimensões do assentamento. - Formas de sepultamento. - Seriação e tipologia cerâmica. - Descrição dos artefatos líticos.

Apresentamos sumarizadamente, todos os pontos arrolados, confinando-os nas cinco categorias reconhecidas.

Ambiente de Inserção dos Sítios

Abrangência Geográfica

O que era restrito à estreita faixa litorânea de Porto Seguro à foz do São Francisco, entre Sergipe e Alagoas, e pelo interior até São Raimundo Nonato (PI), com ocorrências na Chapada Diamantina e na região do Sudoeste (BA), passou a dominar uma grande parte da geografia do estado, abrangendo a região Oeste, também chamada de Chapadão Ocidental, especialmente nas cabeceiras do rio Grande. Um adensamento dos assentamentos na região do Recôncavo é apontado. Entretanto, cremos que tal concentração decorre da proximidade geográfica em relação a Salvador, onde residia o pesquisador, corroborado pelo intenso povoamento e consequente uso intensivo da terra. Essas particularidades facilitaram o acesso aos locais, perturbaram mais sítios e provocam uma prevalência de informações para o Recôncavo.

Características do Solo

Embora não tivesse análises pedológicas, o autor assevera que os assentamentos se alojavam em zonas como fertilíssimos terrenos de massapé, solos húmidos e argilosos, bem tipificados pela terra escura. Também são descritos horizontes ricos em calcários e solos

hidromorfos. Estes solos sustentam a floresta tropical ou mata atlântica que contribui com os seus dejetos na formação da camada natural de decomposição. A dissolução e consequente incorporação ao solo dessa massa vegetal constitui um excelente adubo reincorporado como nutriente pelas plantas. Com isso, mesmo solos inicialmente inaptos para vegetação de maior viço, vão aos poucos se fazendo capazes de manter a sucessão ecológica com o húmus gerado pelas próprias árvores. Concomitantemente, é apontada a intensa irrigação dos ambientes, proporcionada pelo regime de chuvas generoso ou pela proximidade de um curso de água, o que garante a existência de uma mata ciliar ou de galeria, com características de solo favoráveis e tendendo para a presumida fertilidade natural. Como coloca Calderón,

[...] rios e matas abundantes em solos férteis, com chuvas suficientes, são características comuns às [...] regiões [pesquisadas].

[...] a procura do meio ecológico apropriado ao tipo de cultura de que eram portadoras, fez com que as migrações da tradição Aratu escolhessem [...] regiões com características bastante parecidas no que se refere à constituição dos solos e quantidade de água disponível, elementos essenciais ao desenvolvimento da agricultura incipiente da qual tiravam, provavelmente grande parte do necessário para a sua subsistência. (CALDERÓN, 1971, p. 171).

Topografia dos Sítios

Os locais de inserção dos sítios transitam entre um relevo suave, ora mencionado como sendo levemente ondulado, ora qualificado em anticlinal e ora descrito como em topo de colina ou de elevações, chegando mesmo a serem implantados em pequenas planícies e nas margens de manguezal. Como o autor enfatizou, a implantação dos assentamentos é diversificada, sendo excluídas as áreas de inclinação acentuada e distântes de um curso d'água.

Dimensões dos Assentamentos

Formas e Tamanhos dos Sítios

Esta categoria equivale ao dispositivo do sítio, sendo esclarecida com a planta dos assentamentos. Ainda que o autor não tenha usado destas palavras, nem tenha lhe sido possível compor o traçado das manchas escuras das malocas, o modo como as descreve-nos leva a considerarmos a questão nestes termos. Três dispositivos foram referidos: manchas de grandes casas agrupadas num aldeamento em anel contornando uma praça central; manchas alinhadas, e; uma única mancha formando o assentamento.

Quanto às dimensões das manchas e dos sítios uma comparação entre as fases Itanhém e Aratu indica serem os assentamentos dessa fase maiores que os daquela. Guipe, Beliscão e São Desidério (fase Aratu) foram mensurados direta ou indiretamente, apresentando, respectivamente, os valores de 300 x 200m, 200 x 100m e os 500m lineares do último que expuseram essencialmente cacos cerâmicos, quando foi rasgado por um canal. Para os sítios do Litoral Norte, além do intervalo máximo de 200 ou 300m e o mínimo de 30m, inferimos suas formas, pois essas medidas correspondem aos diâmetros. Assim sendo, os sítios do Litoral Norte confirmam o dispositivo circular das manchas, desta maneira supomos para aqueles com 300m de diâmetro, ao passo que certamente haja a presença de uma única mancha, no caso dos menores de 30m de diâmetro.

Na descrição dimensional dos sítios da fase Itanhém, pelo modo com que foram registradas as suas medidas, em geral manchas de 10 a 15m de eixo maior quer alinhadas, formando círculos ou uma única, inferimos que os assentamentos eram compostos por manchas assemelhadas a uma elipse. Possivelmente, os jazimentos tratados nos artigos anteriores (CALDERÓN 1969 e 1971) se compusessem também por manchas em elipse, alinhadas, isoladas ou em anel.

Estratigrafia

Consideraremos esse aspecto nas dimensões mensuráveis dos sítios Aratu. Salta aos olhos a espessura da camada de ocupação. Localizamos nas obras os valores de 40 cm, 60 cm, 90 cm e até de um metro, eventualmente, estavam cobertas por um estrato superficial estéril com espessura medida de 15 cm num sítio. Apesar das espessas camadas destacadas nos artigos, um comentário do Calderón transparece que havia sítios em que não estava presente essa característica: “Nos sítios onde a profundidade de refugio e as circunstâncias de visita permitiram escavações controladas [...]” (CALDERÓN, 1971, p. 167), ou seja, a profundidade do refugio era um dos fatores condicionantes para a execução de escavações controladas e não foram realizadas muitas intervenções deste tipo, conforme as descrições detalhadas dedicadas a poucos sítios. Entretanto, a grande dimensão da camada de ocupação caracteriza a fase:

[...] os [sítios] da fase Aratu têm sempre refugio profundo, recoberto por uma camada de depósitos sem cacos que faz difícil sua localização. A espessura desse depósito indica permanência demorada no sítio pelos grupos portadores desta cultura, o que se confirma pela abundância de enterratórios nos cemitérios atribuídos à fase. (CALDERÓN, 1969, p. 167).

Sepultamentos

A Urna Cerâmica

As içaças são descritas como grandes vasos cerâmicos de formato exclusivamente periforme. As dimensões são apontadas para as maiores e giram em torno dos 75 cm de altura, 65 cm de diâmetro máximo no bojo e 45cm de diâmetro da abertura da boca para uns casos; dos 65 cm de altura, 70 cm de diâmetro máximo e dos 58 cm de abertura e 15 mm de espessura das paredes para outros. Urnas menores foram atribuídas às crianças.

A decoração das urnas quase sempre inexistente, todavia, foram apontadas excessões. Trata-se de uma incisão em torno do lábio, nas urnas do além São Francisco (fase Aratu) e da aplicação de um corrugado ondulado numa larga faixa acompanhando a boca (fase Itanhém). Em um exemplar do Recôncavo há impressão de corda na mesma posição, ao redor da abertura.

Restos Mortais

Existem duas colocações gerais e explícitas relativas ao tipo de sepultamento: “[...] grandes içaças periformes para enterratórios primários, freqüentes neste Estado.” (CALDERÓN, 1969, p. 164), e “Trata-se de enterratórios primários em urnas periformes [...]” (CALDERÓN, 1971, p. 170). A pouca insistência nestas questões é explicada pela conservação dos restos esqueléticos. Repetidamente o autor se queixa do péssimo estado deles.

Formas dos Sepultamentos

O pacote funerário era composto pela urna contendo o cadáver. Sobre a abertura era colocado um vaso ou um grande fragmento de urna. Geralmente, os sítios detinham um alto número de urnas, agrupadas aos pares, em número de 3 ou mais, raramente uma, enterradas há pouca profundidade nos “lugares elevados”. Quanto ao local relativo de colocação dos sepultamentos, poderiam estar ao redor do sítio e dentro dele. Também foram encontradas não associadas aos assentamentos habitacionais, situação denominada de sítio cemitério.

Com o morto eram postos objetos, os acompanhamentos funerários. Calderón encontrou nos sítios litorâneos machados amigdalóides de pedra polida, fusos de fiar feitos de cacos cerâmicos e “outras vasilhas semelhantes”. Tais vasilhas seriam os próprios opérculos, que cobririam a cabeça do falecido. Poderiam ser recipientes menores, semelhantes às urnas. Em um exemplar de enterramento do sítio da Viúva, Recôncavo, observou ostras cobrindo o cadáver. Com criança não encontrou nenhum acompanhamento.

Seriação e Tipologia Cerâmica

Como foi definida a seriação: “Manipulação de um conjunto de dados obtidos de vários níveis artificiais, corte e coleções de superfície, para alcançar uma sequência da história de uma cultura” (CHMYZ, apud FERNANDES, S. C. G., 2001, p. 91), permitiria o reconhecimento da sequência arqueológica onde fosse aplicada. Tal sequência se baseia na sucessão cronológica dos tipos de artefatos tomados como indicadores, considerando como ‘tipo’ o que é recorrente na maioria dos sítios. Os artefatos preferidos pelo PRONAPA como tipos foram fragmentos cerâmicos. Neles procurava-se identificar os elementos necessários para compará-los quantitativamente, determinando sucessivos padrões de mudanças de popularidades. As alterações eram registradas num gráfico, ao qual se sobrepunha uma escala relativa de tempo, derivada da estratigrafia dos sítios. Estes gráficos traçados para os diversos sítios estabeleceriam uma relação cronológica intra e intersítios.

As características tecnológicas da cerâmica para a descrição, caracterização e posterior comparação são: a forma; o tratamento de superfície e o tempero (antiplástico da pasta). Como Calderón foi o pronapiana na Bahia, seguiu essa metodologia. Vejamo-la.

Formas

As urnas são sempre periformes, tanto as grandes destinadas aos adultos como as pequenas provavelmente de crianças. Os opérculos, pelo que se vê das estampas e no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, são conoidais. Os recipientes utilitários mais comuns eram globulares e hemisféricos, seguidos tigelas de pouca altura, semelhantes a pratos. Vasos que reproduzem em escala menor (28cm de altura e 29cm de diâmetro máximo) as urnas e “[...] vasos com tendências globulares e gargalo de borda perpendicular, bem desenvolvido, decorado com roletes [...]” (CALDERÓN, 1971, p. 167) foram acrescentados à tipologia pelas campanhas do Litoral Norte. Cachimbos tubulares figuram nas coleções. O lábio das urnas recebe, invariavelmente, um acabamento arredondado:

Bordas diretas, inclinadas interna e externamente, com lábios arredondados, biselados ou apontados são norma nos diversos tipos de vasos. [...]

Algumas tigelas apresentam as bordas onduladas (est. 34 a-c; 36 f-h) às vezes formando bicões espaçados, equidistantes ou não, reforçados internamente em forma muito característica. (CALDERÓN, 1969, p. 166).

Tratamentos de Superfície e o Tempero

As igaçabas não têm decoração nas superfícies externas alisadas, excetuando-se aquelas da fase Itanhém, tipicamente caracterizadas pela faixa de corrugado ondulado (outros autores a descrevem como corrugado unglado ou corrugado imbricado); as do além São Francisco ostentam uma incisão ao redor do lábio e um espécime com impressão de corda em torno da abertura do Litoral Norte. A manufatura é por acordelamento com paredes finas e bem alisadas de 5 a 10 mm em média, mostrando tonalidades que vão do vermelho tijolo ao café. A cerâmica da fase Aratu foi dividida em 3 tipos simples e 2 decorados, com predominância do tipo Palame Simples, com tempero de areia grossa, nos níveis mais antigos dos sítios. Outros tipos são Inhambupe Simples, com tempero de areia fina; o Guipe Simples, temperado com grafite nos níveis recentes. É frequente o “engobo com grafite”, ao passo que a decoração corrugada, roletada e incisa é muito pequena nessa fase.

A fase Itanhém contém todos os tipos de cerâmica Aratu, acrescidos de dois novos para efeitos de seriação: Japarú Simples, tempero de areia, e Itanhém Simples, tempero de areia e grafite. Seis tipos decorados encerram a classificação: Itanhém Modelado, Itanhém Corrugado Ondulado, Itanhém Grafitado, Itanhém Roletado, Itanhém Corrugado Simples e Itanhém Corrugado Complicado. Inexiste a aplicação de pigmento como decoração quer seja na fase Itanhém, quer na fase Aratu.

Descrição dos Utensílios Líticos

Como já havíamos arvorado, foi notável a preferência dada aos artefatos cerâmicos para a análise quantitativa através da tipologia e seriação. Se esse fato resultou em uma compatibilidade e comparabilidade dos resultados obtidos para o território brasileiro, sintonizando a comunicação em um único canal, ao mesmo tempo, trouxe a reboque uma gama de desajustes entre o relativamente bem avaliado comportamento da cerâmica e o comportamento dos outros artefatos vestigiais na tradição e nas fases. A ausência de correlação entre as várias categorias de artefatos dos sítios provocou uma atenção de segunda ordem devotada ao que não fosse cerâmica. Poucos dados são recolhidos em campo para a descrição, por exemplo, do conjunto lítico. Encaixa-se nessa perspectiva a escassez de subsídios redigidos nos artigos do Calderón para os objetos em pedra.

Nas publicações consta que foram encontrados líticos polidos, tais como os machados amigdalóides, medindo entre 10 e 10,5 cm e os frequentes quebra-cocos, peças dotadas de uma depressão central. Grandes fragmentos de rochas eruptivas com bacias de polimento; grandes e pequenos raspadores; pequenas lâminas de machados lascados (com 8 a 12 cm) também com a

forma amigdalóide ou trapezoidal irregular; grandes e pequenas lascas retocadas; grandes facas raspadeiras e afiadores de arenito com canaletas presentes. Como enxoval funerário dos mortos, há uma lâmina de machado polido numa urna. De outra, recuperou-se um fuso com 8 cm de diâmetro e 2 cm de espessura, sendo um objeto atípico pelo tamanho e peso. Vejamos os outros autores.

PESQUISAS DE P. I. SCHMITZ E EQUIPE EM GOIÁS

A tradição cerâmica Aratu, estudada anteriormente por Calderón (1969, 1971, 1974) e Perota (1971, 1974), foi definida como tradição em 1968 (Brochado et alii, 1969) e mais claramente caracterizada na reunião final do PRONAPA (Washington, 1972).

Denomina uma tradição cerâmica de grupos horticultores do Nordeste e Centro do Brasil, ligada ao horizonte agrícola ao qual também pertence a tradição Sapucaí, que se identifica praticamente pelos mesmos elementos gerais, a ponto de se propor a fusão das duas tradições (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, ed., 1981c).

Caracteriza-se por ter vasilhames predominantemente simples, produzidos com antiplástico mineral e formas esféricas e ovóides grandes, geralmente não associados à transformação da mandioca tóxica em alimento humano.

Foi encontrada, até agora, na Bahia, Espírito Santo, Goiás (fase Mossâmedes), acreditando-se que possa existir também no Piauí e outros estados nordestinos e no norte do estado de São Paulo. (SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E., 1982, p. 49)

Pode-se compilar esses dados nas 5 classes de informações que tabulamos para apresentar os resultados do Calderón; entretanto, não julgamos proveitoso o fazer, pois nos acercaremos de outros autores que proporcionarão um refinado e detido trato com os contextos Aratu. O que chama a nossa atenção na obra do professor Schmitz é a concisão e precisão com que são divulgadas as características gerais e os traços marcantes dessa tradição.

No que respeita à tipologia cerâmica é esclarecedora a evidência que presume o não intensivo uso da mandioca, sustentada pela ausência das formas conhecidas como assadores. A descrição da louça recuperada da terra com termos diferenciados do Calderón pode forjar a ilusão da inexistência das urnas funerárias. Porém, é lícito atribuir às grandes formas ovóides a correspondência com as igaçabas dos sítios baianos. Por ora é suficiente que reter que os portadores da tradição arqueológica Aratu eram grupos ceramistas horticultores, ou seja, com

todos os pré-requisitos que capacitariam a um sedentarismo e a uma estabilidade derivada da produção de alimentos.

As imagens das formas dos recipientes cerâmicos dessa obra em pauta (SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E., 1982) consistem na melhor das representações em conjunto para a tradição Aratu. São elas de Goiás de sítios da fase Mossâmedes. Um trabalho desse porte e qualidade visual de elevada capacidade informativa é ausente na Bahia.

REVISÃO DE G. MARTIN

A importância da tradição Aratu reside [...] na circunstância de que está perfeitamente caracterizada como uma cultura de agricultores ceramistas, formando aldeias com populações densas e ocupações demoradas, como indica a profundidade dos sedimentos arqueológicos (40, 60 e 90 cm) [...]. Nas aldeias em que se identifica o contato com os grupos Tupiguarani, assinalado pela presença da cerâmica, essa aparece sempre como intrusiva nas camadas mais tardias das aldeias Aratu adquiridas por comércio ou ocupação violenta, quando se nota a substituição dos tipos de cerâmicas dos 'Aratu' pelos Tupiguarani.

São características básicas da cultura Aratu:

- a) a cerâmica roletada, sem decoração, com as superfícies alisadas ou engobo de grafite; em alguns tipos aparece decoração corrugada-ondulada na borda (Itanhém, BA e Itaúnas, ES);
- b) urnas funerárias piriformes, com e sem tampa, de 70-75 cm de altura; tigelas menores empregadas como opérculo para cobrir os vasilhames funerários;
- c) painéis semi-esféricos de bordas onduladas;
- d) enterramentos primários em urna, fora das aldeias;
- e) aldeias circulares com as ocas em torno de uma praça central, situadas em lugares elevados suaves;
- f) subsistência não baseada no uso exclusivo da mandioca. A ausência de assadores e de vasilhames planos assim parece indicá-la. Em todo caso, utilizaram a mandioca de forma diferente aos Tupinambás e apoiaram também sua subsistência no milho, no feijão e no amendoim; o rodízio nas plantações teria permitido assentamentos durante períodos mais longos;

g) lâminas alongadas de machado, picotadas e polidas e machados pesados de granito também polidos; machados simples de pequeno tamanho (8 a 10 cm de comprimento);

h) grandes rodelas de fuso de pedra e de cerâmica que indicam fiação de redes ou tecidos grossos; uma rodela de 8 cm de diâmetro é a maior coletada;

i) cachimbos tubulares ou na forma de funil;

j) fragmentos de rochas polidas, com depressões artificiais, utilizadas para esmagar grãos. (MARTIN, 1996, p. 186-7)

A autora esteia-se nas publicações do Calderón para enumerar as características da cultura Aratu. Ela considera que os enterramentos são externos, ao passo que Calderón os identificou ao redor dentro dos sítios. Reitera-se o caráter horticultor de uma significativa população sedentária e ceramista. Ao comparar outros registros arqueológicos de sítios pesquisados no Nordeste assemelhados aos tipicamente Aratu, a autora faz uma decisiva advertência: o grande risco que se corre ao filiar sítios a uma tradição somente com base nos artefatos cerâmicos. Lembra que além da cultura material quesitos de maior influência simbólico-ideológica, como os contextos funerários, também devem ser levados em consideração.

REVISÃO DE J. E. OLIVEIRA E S. A. VIANA

Estes autores centram-se na região Centro-Oeste do Brasil. Deles extraímos a percepção abrangente do modo de vida dos grupos Aratu. Também recolhemos as descrições sumarizadas da cerâmica.

Os grupos portadores dessas duas tradições (Aratu e Una), juntamente com os portadores das tradições Uru e Tupiguarani e grupos do alto Xingu, são genericamente caracterizados como grupos das grandes aldeias. (OLIVEIRA e VIANA, 1999-2000, p. 161)

[...] aproximadamente no século IX A.C., a região [Centro-Oeste] é ocupada por grupos numerosos, os da Tradição Aratu, que construíram aldeias anulares. Os sítios [...] localizavam-se em ambientes abertos, de relevo ondulado suave a forte, geralmente [...] de mata e raramente nos de cerrado; não há [...] ocupações em abrigos [...]. (OLIVEIRA e VIANA, 1999-2000, p. 162)

Foram confeccionadas vasilhas periformes, esféricas ou elipsóides grandes, As bordas dos recipientes não apresentam reforço e as bases apresentam-se arredondadas, côncavas ou furadas. São comuns as formas grandes [...] de dezenas a centenas de litros, embora sejam quase inexistentes os grandes pratos ou assadores. [...] outra forma característica é um pequeno vasilhame geminado. Destacam-se ainda rodela de fuso, carimbos e cachimbos tubulares. As decorações são poucas: inciso, entalhe, unglado, pontado, borda acastelada, asa, aplique mamilonar, banho vermelho e pintura preta. O antiplástico predominante é o mineral, que é substituído gradualmente pelo cariapé (Schmitz 1976-77; Schmitz e Barbosa 1985). (OLIVEIRA e VIANA, 1999-2000, p. 164).

PESQUISAS DE I. WÜST

Sua dissertação de mestrado é de obrigatória consulta e referência para aqueles interessados na Tradição Aratu. Mostra indicadores coletados em 72 sítios na região do Mato Grosso de Goiás que, exceto um, pertencem à fase Mossâmedes.

Os artefatos cerâmicos e líticos foram registrados inicialmente de maneira sumária devido à sua fácil identificação com os artefatos já descritos para a fase Mossâmedes. (WÜST, 1983, p. 79)

Os [...] sítios caracterizam-se pela presença de uma tradição cerâmica semelhante àquela descrita sob 'fase Mossâmedes' (Schmitz, Wüst, Moehlecke, Cope e Thies, 1982). (WÜST, 1983, p.152)

Sistematizando, reteremos indicadores morfológicos dos sítios e artefatos cerâmicos.

[... há] sítios com uma forma anular com tendência mais ou menos acentuada a uma elipse e os sítios formados por concentrações cerâmicas simples ou alinhadas.

As plantas de sete sítios (GO-RV-17, GO-RV-21*, GO-RV-31, GO-RV-35, GO-RV-46 e GO-RV-58) evidenciam claramente uma deposição em forma de um único anel, composto por concentrações cerâmicas, que mantêm espaços intervalares entre si e que circunscrevem um espaço interno, em geral não apresentando evidências arqueológicas em superfície. Registram-se também sítios nos quais a deposição é formada por dois anéis concêntricos, sendo estes mais evidentes na planta do sítio GO-RV-66 onde estão completos e bem conservados. (WÜST, 1983, p. 88)

As plantas confeccionadas para todos os sítios que reuniam artefatos em superfície não deixam margem a dúvidas da forma e do dispositivo das unidades residências, inclusive facultando cálculos a cerca da densidade demográfica da aldeia. Existem menções passageiras sobre o encontro fortuito de duas urnas. A autora faz considerações sobre a posição dos enterramentos, presumindo ser a área detrás das residenciais afeita a essa finalidade. Nas plantas (GO-RV-29 e GO-RV-39) constam as urnas. Ao contrário dos sepultamentos baianos, a legenda da primeira delas diz: “urna de enterramento secundário”, reiterado no texto:

Todavia, os dados disponíveis sobre as urnas funerárias e restos antropológicos (destes somente dispomos das informações dos atuais moradores) não permitem ainda qualquer generalização sobre práticas funerárias. Apenas no caso de sítio GO-RV-29 podemos seguramente pressupor enterro secundário. (WÜST, 1983, p. 203)

No início da década de 90, descreveu um sepultamento de uma urna escavada por populares. Os ossos estavam deteriorados e havia acompanhamentos:

Foram encontrados em associação direta ao enterro dois pequenos tembetás de quartzo leitoso e dos quais o maior apresenta em ambas as superfícies uma depressão que ajuda a uma melhor acomodação aos dentes. (WÜST, 1992, Os Artefatos Líticos)

O esqueleto estava ainda acompanhado de pelo menos 5 adornos peitorais, fabricados sobre molusco [casca de caramujo], de formas trapezoidais com duas perfurações em uma de suas extremidades. (WÜST, 1992, O Material Ósseo).

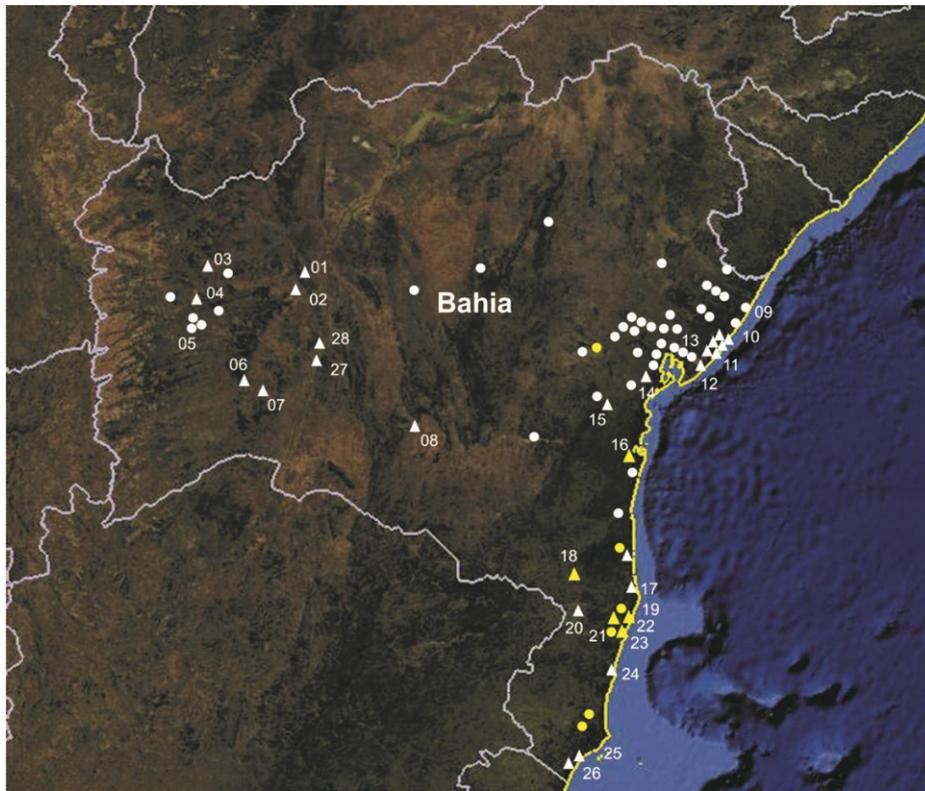
Formas, usos e funções dos vasilhames:

Uma primeira classificação das bordas [...] permitiu distinguir 8 formas básicas (vide Figura 1) das quais as primeiras três estavam diretamente associadas ao contexto funerário, A forma 1 com um volume de aproximadamente 200 litros representa um recipiente cerâmico que foi retirado do uso cotidiano para esse fim como evidenciam as marcas de desgastes na parte proximal, perto da base. Estas marcas parecem indicar que este recipiente durante a sua função primária estava acomodada dentro de um anel de fibras vegetais que ao serem constantemente umedecidas durante o uso provocaram este tipo de desgaste. Também as outras duas formas indicam marcas de uso anteriores à sua utilização final no enterramento.

Em relação ao volume, predominam recipientes pequenos (até 5 litros), sendo menos freqüentes aqueles com volumes de 30 a 50 litros, provavelmente empregados para estocagem, preparo [de alimentos] e transporte de líquidos. Deve-se ressaltar que as formas 1 e 2

correspondem às formas maiores e certamente o seu uso original ocorreu dentro de um contexto que ultrapassou o nível da unidade familiar nuclear. (WÜST, 1992, Os Artefatos Cerâmicos).

A forma 1 é a urna funerária de perfil periforme. A forma 2 deve ser o opérculo, o que faz ser a forma 3, o recipiente presumidamente colocado sobre a cabeça. As ilustrações da dissertação da Profa. Wüst apresentam as plantas e dados da cerâmica. Em grande parte complementam o trabalho do Prof. Schmitz, contudo, mostram formas inovadoras, constituindo-se também como uma referência obrigatória para a tradição.



Legenda:

- Sítio da Fase Aratu (Calderón)
- Sítio da Fase Itanhém (Calderón)
- △ Sítio da Fase Aratu (Outros Pesquisadores)
- ▲ Sítio da Fase Itanhém (Outros Pesquisadores)

Sítios:

- | | |
|-----------------------------|--------------------------|
| 01 - Piragiba | 15 - Lagoa Queimada |
| 02 - Roça do Esperidião | 16 - Pedreira |
| 03 - Alto de Santa Cruz | 17 - Una |
| 04 - Mucambinho | 18 - Água Vermelha |
| 05 - São Desidério | 19 - Belmonte |
| 06 - Vau | 20 - Brigitte |
| 07 - Pio Moura | 21 - Noronha |
| 08 - Marcolino | 22 - Santa Cruz Cabralia |
| 09 - Beliscão | 23 - Trancoso |
| 10 - Sauípe | 24 - Barra Velha |
| 11 - Sauípe 2,4,5,7,10 e 31 | 25 - Ilha da Peroba |
| 12 - Abrantes | 26 - Mucuri |
| 13 - Guípe | 27 - Morro do Lajeado |
| 14 - Reitoria | 28 - Vale Verde 1 |

Figura 1: Mapa dos sítios Aratu compilados da bibliografia. Edição: Anderson Silveira.

PESQUISAS DE E. M. R. GONZÁLEZ

Restringindo-nos à forma da cerâmica para o ‘Conjunto 2’ – que reúne sítios da tradição Aratu emprestamos alguns subsídios quantitativos atinentes à forma dos recipientes para complementar a visão genérica que queremos construir:

Tem-se, aqui, um predomínio de artefatos diretos, seguidos pelos cônicos e vindo apenas, em terceiro lugar e em porcentagens muito inferiores, os vasilhames infletidos. As formas duplas ocorrem ainda na maioria dos sítios, embora em menor proporção (vide Quadro 16). Estas 4 características podem ser, portanto, consideradas como características da indústria. Já os contornos complexos e pratos estão presentes em apenas 4 [de um universo amostral de 12] sítios e sempre com porcentagens reduzidas, indicando uma presença fortuita, possivelmente relacionada a fatores locais. (GONZÁLEZ, 1996b, p. 103)

Sobre a frequência e funções dos vasilhames cônicos, e fazendo uma alusão às funções que desempenharam podemos obter:

Embora ocorram em porcentagem inferior aos vasilhames diretos, os cônicos estão presentes na grande maioria dos sítios (83,3%) e, em 81,8% dos casos, alcançando porcentagens superiores a 20% (vide Quadro 16). [...] É provável que desempenhem a mesma função de armazenamento e/ou estocagem inferida para os vasilhames infletidos do Conjunto 1 [com sítios pertencentes à Tradição Uru], embora em porcentagem bem mais reduzida. (GONZÁLEZ, 1996b, p. 105)

Nessa análise quantitativa, relacionando a forma às funções, presumimos que os vasos utilizados ou a serem empregados como urnas funerárias estivessem representados dentro da categoria dos vasilhames cônicos, de acordo com a forma clássica que apresentam; todavia, por não ser seu objetivo, pela dimensão do acervo e pela heterogeneidade da sua formação, a autora não tece referências diretas sobre os contextos específicos em que foram recuperados os objetos.

LEVANTAMENTOS DOS SÍTIOS ARATU NA BAHIA

De modo não sistemático, recorrendo às publicações, comunicações pessoais e sítios que identificamos, somam-se em **oitenta e um (81)** os sítios Aratu na Bahia, sendo 51 localizados por Calderón e 30 por outros pesquisadores. Abaixo explicitamos a forma da contagem, apresentando a denominação, quem o localizou e a região onde se situam.

Sítios Aratu nas Publicações do Calderón: Em poucos anos de pesquisas não sistemáticas Calderón localizou 51 sítios.

Sítios Localizados por Outros Pesquisadores: A maior parte dos sítios foi apenas registrada. É notável a carência das informações quanto a precisa localização das jazidas, raro têm coordenadas, quer em graus, quer em UTM, obtidas por GPS. Tais dados permitiriam uma plotagem precisa em uma carta e investigações sobre as estratégias de assentamento. Listamos os sítios identificados por outros pesquisadores:

Região Oeste – nove sítios: - Praça de Piragiba; - Roça do Esperidião (FERNANDES, L. A., 2001), ambos em Muquém do São Francisco. - Pio Moura, em São Félix do Coribe (FERNANDES e PALERMO NETO, 1999). - Mucambinho (MAE-AAPHBa, 1987); - Alto de Santa Cruz (LOCKS, M.; BELTRÃO, M. 2001), ambos em Barreiras. - Vau, em Santa Maria da Vitória pesquisado pelo Prof. Altair Sales Barbosa. - Morro do Lajeado 2 (FERNANDES, 2011b e c); - Vale Verde 1, ambos em Sítio do Mato (FERNANDES, 2011c e d). - Sítio em Barreiras (informação recebida pelo Prof. Etchevarne); - Notícia de urnas em Barreiras.

Sul do Estado – oito sítios: - Trancoso (UFBA, 1998, p. 35-8) e - sítios na fazenda Noronha (não encontramos informações sobre o total) pesquisados pelo professor Perota, todos em Porto Seguro. - Um sítio em Santa Cruz Cabralia (FERNANDES, L. A. 1998). - Um sítio na foz do rio Jequitinhonha, em Belmonte (informação verbal do professor Etchevarne). - Um sítio na aldeia Pataxó de Barra Velha, Caraíva (informação do professor Etchevarne). - Brigitte, no vale do Jequitinhonha (UFBA, 1999, p. 28-33). - Santa Casa de Misericórdia de Una, cidade de Uma (informação do professor Elvis Barbosa, UESC). - Água Vermelha (ETCHEVARNE, inédito). Contamos pelo menos oito manchas escuras elípticas com cerca de 20 m de diâmetro cada uma, aparentemente com um dispositivo circular alongado. Durante a passagem do arado mecânico duas urnas funerárias ainda enterradas foram descobertas pelos indígenas e nos as retiramos. Durante essa operação uma terceira urna, infantil, foi detectada. A extensão do sítio é estimada em cerca de 250 m, a partir da dispersão da cerâmica em superfície. Além da grande quantidade de cerâmica decorada (corrugado, unglado, roletado, grafitado) notamos ainda a presença de pelo menos oito lâminas de machados polidos, várias lascas de sílex e de quartzo, fusos de fiar e um cachimbo cerâmico. Em outro ponto próximo mais urnas foram indicadas e vários moradores relataram o encontro de fragmentos de cerâmica similares ao redor de suas moradias espalhadas pela reserva.

Litoral norte – sete sítios: - Abrantes (FERNANDES e MOTA, 2000), em Simões Filho. - Seis sítios na costa do Sauípe (indicados como Sauípe 2, 4, 5, 7, 10 e 31), no Parque Porto Sauípe, sendo um deles, o de número 10, uma grande aldeia com, ao menos, 400 metros de extensão. (GONZÁLEZ e ZANETTINI, 1997, 1998 e 2001).

Extremo Sul – dois sítios: - Mucuri (informação professor Calos Costa). - Ilha da Peroba, em Nova Viçosa. Com um sepultamento cujo opérculo é uma urna, propositadamente seccionada no diâmetro maior, cujo ‘fundo’ foi empregado nessa função (COSTA e COMERLATO, 2008).

Chapada – um sítio: - Marcolino Moura, em Rio de Contas (COMERLATO, 2008).

No Recôncavo, dois (2) sítios: - Reitoria, em Cruz das Almas (FERNANDES, 2010). - Lagoa Queimada, em Santa Inês, (comunicação professor Etchevarne).

Baixo Sul – um sítio: - Sítio Pedreira, fase Itanhém (FERNANDES, 2007).

Nesta enumeração apoiada em contatos, pesquisas da equipe do MAE-UFBA ou relatórios técnicos reunimos 30 referências, reforçando as possibilidades de investigações nos vários ambientes do estado. Considerando a frequência de relatos na mídia sobre ‘grandes potes com ossos de índios’, avidamente destruídos em busca de um imaginado tesouro, um projeto intensivo com a colaboração de pesquisadores (não necessariamente arqueólogos, mas bons amadores instruídos) multiplicaria os assentamentos conhecidos, propiciando uma nova base para a compreensão do panorama da arqueologia regional baiana para os sítios Aratu.

Inserimos as referências em um mapa, para uma visualização conjunta rápida e prática dos sítios. As localizações do Calderón são imprecisas, pois não dispunha do sistema de posicionamento global por satélites (GPS). Assim, transpomos aproximativamente os pontos indicados nos mapas (CALDERÓN, 1969, 1971 e 1974) para o cartograma que montado. Além da baixa precisão, nem todos os sítios são indicados nos seus mapas de modo nominal. Em duas publicações ele fornece mapas de sítios do Recôncavo (1969 e 1974) com os sítios Aratu indicados. Todavia, nem todos os sítios são descritos no texto e não sabemos se algum indicado em 1969 ressurge no mapa de 1974. Em face dessas dificuldades, não temos certeza se indicamos no nosso cartograma todos os seus sítios do Recôncavo. Em todo o caso, o Recôncavo constitui o ambiente em que até o momento existem mais sítios Aratu.

A melhor amostra do grau de imprecisão encontra-se no que o arqueólogo espanhol denominou de fase Itanhém. Ela surge no artigo de 1974 e houve uma tentativa de uni-la à fase

Itaúnas, identificada pelo prof. Perota no Espírito Santo. Contudo, a “ausência [na fase Itanhém] de vários tipos que são característicos da fase Itaúnas e a presença de outros de que aquela carecia” impediu a fusão “embora seja[m] extraordinariamente semelhante[s]” (CALDERÓN, 1974, p. 148). Na mesma obra o autor delimita a fase do sul da baía de Todos os Santos até a fronteira com o Espírito Santo. Estribou-se em 5 sítios para tal circunscrição.

“A primeira notícia de sítios correspondentes a esta fase data de 1955, quando, por ocasião dos trabalhos para a abertura da estrada litorânea Bahia-Rio, foi descoberto um no sul do estado. Mais tarde, em 1967, dois novos sítios foram localizados nas proximidades de Porto Seguro. Por fim, durante os trabalhos de campo no período 1969/70, outros dois sítios vieram complementar o conhecimento que já tínhamos, permitindo um diagnóstico da fase Itanhém.” (Op. cit., p. 148).

Contudo, o mapa da página 142 não abrange o sul do estado, registra os sítios no Recôncavo, com apenas um Itanhém, certamente no município de Castro Alves. No nosso cartograma indicamos esses quatro sítios Itanhém de modo especulativo: um no sul, próximo da BR-101 (antiga Bahia-Rio), dois em Porto Seguro e dois, aleatoriamente, no extremo sul do estado, limite citado pelo autor. Se estivermos certos, os sítios Itanhém do Calderón são seis (cinco da citação mais o de Castro Alves). Os assentamentos descobertos por outros pesquisadores são cinco, somando 11 sítios Itanhém, fase menos conhecida da tradição Aratu.

No que tange aos sítios de campanhas recentes, dispomos da descrição exata do local, o que simplifica seu posicionamento. Os sítios descobertos pelo MAE/UFBA ou em investigações dos pesquisadores associados são indicados com coordenadas GPS, o que torna seguro o retorno ao local exato. Como já tivemos oportunidade de dizer, acreditamos que as concentrações reveladas por esse mapeamento refletem mais os focos de projetos de pesquisas que concentrações das ocupações arqueológicas. Cumpre comentar que compilamos no cartograma os sítios identificados como Aratu pelos seus descobridores/publicadores.

O sítio de Água Vermelha está dentro dos limites estipulados por Calderón. Dele obtivemos a primeira datação radiocarbônica para a fase. Outro fator inédito é a presença de uma urna funerária sem decoração. Até então as urnas dessa fase ostentavam o típico corrugada na abertura, estando as urnas sem decoração restritas à fase Aratu. A terceira urna salva era pequena, com formato inovador, sendo um vasilhame alongado com ombros suaves e lábios ausentes, talvez propositadamente removidos para introdução da criança. Em Piragiba notamos uma urna infantil com um formato incomum. Era um recipiente globular, ligeiramente

carenado, de abertura extrovertida. Apesar de não ser necessário, já que sua abertura era ampla, os lábios também não estavam presentes.

O bojo da pequena urna de Água Vermelha continha poucos restos ósseos não decompostos. Apenas os dentes foram reconhecidos, alguns folículos não irrompidos, o que indica uma criança na primeira infância. Contas discoidais e anelares, somadas a um dente canino animal perfurado reiteram a preferência de se adornar os infantes com colares. Em Piragiba vários tipos de contas e pingentes surgiram nas urnas das crianças. A maioria era cilíndrica, cortada das diáfises de ossos de animais pequenos. Por outro lado havia colares compostos por dentes caninos perfurados, eventualmente grandes caninos, talvez de felinos, e outros similares a dentes de cervídeos, todos com as crianças. No sítio Alto de Santa Cruz também há notícias de contas em urnas (LOCKS; BELTRÃO, 2001).

No Museu de História Natural Raimundo Sales, Correntina, vimos em 2003 cinco colares. Dois de contas cilíndricas longas em diáfise; um mesclava essas contas cilíndricas e outras discoidais; outro tinha contas cilíndricas e um pingente em concha bivalve nacarada com dois orifícios. No último havia apenas contas discoidais, muito pequenas e delicadas, executadas em conchas do rio. Tais adornos foram recuperados das urnas Aratu do sítio do Vau. Não soubemos se de urnas infantis.

REVISÃO DAS DATAÇÕES ARATU

Nessa revisão, quando não interferia na compreensão, respeitamos a grafia dos autores. As especificações entre colchetes [] trazem informações complementares de páginas que não aquela da datação, bem como esclarecimentos oportunos. Buscamos uma relação enxuta e cotejada de diversas fontes. O ideal seria ter acesso aos originais, entretanto, quase sempre deles não dispusemos. Mantivemos a sigla do período da datação: AD, para *Anno Domini*; DC, para depois de Cristo; AP, para antes do presente ou BP, em inglês.

Listagem das Datações de Sítios Aratu por Autor

Autor	Sítio	Fase	Datação	Técnica
Carlos Etchevarne	Praça de Piragiba	Aratu	870±50 AP	C-14

Local: Vila de Piragiba, Município de Muquém do São Francisco – BA Fonte: ETCHEVARNE, 1999-2000: 123 e 139. Amostra: GIF-10999 [ossos humanos – enterramento Un1Ur2].

Carlos Etchevarne	Água Vermelha	Itanhém	660±30 AP	C-14
-------------------	---------------	---------	-----------	------

Local: Reserva indígena Caramuru-Paraguçu, Município de Pau Brasil – BA Fonte: Inédito.

Amostra: BETA 296867 [ossos de uma urna].

Valentín Calderón	Guipe	Aratu	870±90 AD	C-14
-------------------	-------	-------	-----------	------

Local: Recôncavo Baiano [Simões Filho - BA] Fonte: CALDERÓN, 1969: 163. Amostra: SI-142*

Obs *: Na apresentação da Tradição Aratu (BROCHADO et alii, 1969: 18) esta idade é indicada; entretanto, o código da amostra indicado é SI-542.

Valentín Calderón	Beliscão	Aratu	1360±40* AD	C-14
-------------------	----------	-------	-------------	------

Local: Litoral Norte [Esplanada – BA] Fonte: CALDERÓN, 1969: 163. Amostra: SI-341 Obs *: Na mesma obra, pág. 167, item Summary, aparece a variante – “AD1360±50”.

Valentín Calderón	BA-RG-3	Aratu	1050±250 AD	C-14
-------------------	---------	-------	-------------	------

Local: São Desidério, BA Fonte: CALDERÓN: 1971: 171-2. Amostra: GIF-1440 (ossos humanos).

González e Zanettini	Sauípe – 10	[Aratu]	770±50 AP	C-14
----------------------	-------------	---------	-----------	------

Local: Porto Sauípe [Litoral norte da Bahia]. Fonte: GONZÁLEZ e ZANETTINI, 2001: 232 – 3. Amostra: Beta-128682. Obs: Variação na conversão desta datação na tabela presente nas páginas indicadas e na pág. 253. O laudo do Beta Analytic Inc permite verificar o resultado.

Irmhild Wüst	GO-CA-01	Mossâmedes	895±90 AP ou 1055 AD	C-14
--------------	----------	------------	----------------------	------

Local: Sul e Mato Grosso de Goiás Fonte: WÜST, 1983: 11 [citando pág 8 do: CHYMZ apud SCHMITZ, 1976/7. Arqueologia de Goiás – seqüência cultural e datações de C 14. Anuário de Divulgação Científica, Ano III no. 3/4: 1-19. Goiânia: Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás].

Irmhild Wüst	GO-CP-02	Mossâmedes	1140±90 AP ou 810 AD	C-14
--------------	----------	------------	----------------------	------

Local: Sul e Mato Grosso de Goiás

Fonte: WÜST, 1983: 11 [citando dados do

SCHMITZ, 1976/7].

Irmhild Wüst	GO-CP-02	Mossâmedes	1070±105 AP ou 880 AD	C-14
--------------	----------	------------	-----------------------	------

Local: Sul e Mato Grosso de Goiás Fonte: WÜST, 1983: 11 [citando dados do SCHMITZ, 1976/7].

Irmhild Wüst	GO-JU-04	Mossâmedes	960±75 AP ou 990 AD	C-14
--------------	----------	------------	---------------------	------

Local: Sul e Mato Grosso de Goiás Fonte: WÜST, 1983: 11 [citando dados do SCHMITZ, 1976/7].

Irmhild Wüst	GO-RV-02	Mossâmedes	1120±90 AP ou 830 AD	C-14
--------------	----------	------------	----------------------	------

Local: Sul de Goiás. Fonte: WÜST, 1983: 12 [citando dados da pág 56 da ANDREATTA, 1982. Padrões de Povoamento em Pré-história Goiana: análise de um sítio tipo. Tese de doutoramento apresentada na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, MS]. Contexto: Mancha 3.

Irmhild Wüst	GO-RV-02	Mossâmedes	1090±110 AP ou 860 AD	C-14
--------------	----------	------------	-----------------------	------

Local: Sul de Goiás. Fonte: WÜST, 1983: 12 [citando pág 56 da ANDREATTA, 1982]. Contexto: Mancha 12.

Irmhild Wüst	GO-RV-02	Mossâmedes	980±110 AP ou 970 AD	C-14
--------------	----------	------------	----------------------	------

Local: Sul de Goiás Fonte: WÜST, 1983: 12 [citando dados da pág 56 da ANDREATTA, 1982. A autora inclui a nota de rodapé: ¹¹ No texto (Andreatta, 1982:56) há uma inversão de duas datações em relação ao Anexo 1 (ibid. p. 99).]. Contexto: Mancha 10.

Érika Marion Robrahn González	GO-CA-02 Matinha do Buriti	Provavelmente Mossâmedes	171 DC*
----------------------------------	----------------------------------	-----------------------------	---------

Local: Sul de Goiás Fonte: GONZÁLEZ, 1996a: 91 [referindo-se a ANDREATA, 1982]. Obs *: Datação extremamente recuada, afastando-se do conjunto.

Érika Marion Robrahn González	GO-RV-13* Retiro 1		1175 DC	-
-------------------------------	--------------------	--	---------	---

Local: Sul de Goiás Fonte: GONZÁLEZ, 1996a: 91 [desta vez referindo-se à WÜST, 1883].

Obs *: Este sítio não consta na obra da professora Wüst, mas, sim, o GO-RV-31. Talvez seja erro de impressão. Consoante à pág 217, em WÜST, 1983, GO-RV-31 foi datado, relativamente, no Nível Temporal, caracterizado à pág 212. As datas limites estão à pág 206, vão do século IX ao XVIII /XIX. “[...] (a datação mais recente até o momento obtida [Brasil Central] é de 1175 d.C. para o GO-RV-13 – Andreatta 1988).” GONZÁLEZ, 1996b: 152.

P. I. Schmitz; A. S. Barbosa; M. B. Ribeiro (Editores).	Sapucaí	1065±90 a 1095±70 AD
---	---------	----------------------

Local: Minas Gerais Fonte: SCHMITZ; BARBOSA; RIBEIRO, 1978-80: 58.

Amostras: SI-822 e SI-824

P. I. Schmitz; A. S. Barbosa; M. B. Ribeiro (Editores).	400 DC*
---	---------

Local: Litoral da Bahia Fonte: SCHMITZ, P. I; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B., 1978-80: 58.

Obs *: É de Goiânia a estranha datação de 400 AD, posteriormente publicada por Prous. Conforme a pág. 32, fala do Prof. Schmitz: “A data mais antiga que conheço para Aratu e Sapucaí é 400 d.C., que Calderón me comunicou faz pouco tempo, dizendo corresponder ao litoral da Bahia.” O Calderón não compareceu a essa reunião. Ainda nessa obra, à tabela da pág. 58, esta data não é incluída.

Celso Perota	Convento Jesuítico de Nova Almeida	1610 a 1630	Datação Relativa
--------------	------------------------------------	-------------	------------------

Fonte: PEROTA, 1971: 8.

Obs *: Datações relativas ao estabelecimento jesuítico, embora neste artigo não fossem especificadas.

Mário F. Simões	Pesquisados por Calderón	Itanhém	1500 – 1600 AD	Datação Relativa
-----------------	--------------------------	---------	----------------	------------------

Fonte: SIMÕES, 1972: 44.

Mário F. Simões	Pesquisados por Perota	Itaúnas	1730±75 AD (SI-834) a 1780±75 AD (SI-829) *
-----------------	------------------------	---------	---

Fonte: SIMÕES, 1972: 47-8. Amostras: SI-834 e SI-829. Obs *: Datações do Perota.

Mário F. Simões	Pesquisados por Perota	Guarabu	800 – 1300 AD	Datação Relativa
-----------------	------------------------	---------	---------------	------------------

Fonte: SIMÕES, 1972: 32.

Mário F. Simões	Pesquisados por Perota	Jacaréipe	1345±70 AD
-----------------	------------------------	-----------	------------

Fonte: SIMÕES, 1972: 48. Amostra: SI-836

Mário F. Simões	Pesquisados por Dias Jr.	araguá	1065±90 AD (SI-822) a 1095±70 AD (SI-824)
-----------------	--------------------------	--------	---

Fonte: SIMÕES, 1972: 49-50. Amostras: SI-822 e SI-824

CONFRONTAÇÃO DOS DADOS APURADOS

Para uma apreciação conjunta visual e imediata das datações, as apresentamos em uma forma gráfica. Esse expediente proporciona uma avaliação da amplitude cronológica dessa amostra de sítios. Apesar de restritas, as datações mostram algumas tendências de concentrações e de continuidades dentro dos grandes blocos. A fase Mossâmedes, restrita a Goiás, teria se desenvolvido ao longo de 365 anos, descartando a data isolada recuada (171 AD), indo do início dos anos 800 até o final do século XII da nossa era. Por sua vez, a fase Aratu, confinada a Bahia, perduraria por mais tempo, 490 anos, do final dos anos 800 até meados do século XIV. Desconsideramos a datação isolada de 400 AD. As muitas lacunas temporais presentes fazem necessárias maiores investigação quer para confirmar essas tendências ou refutá-las.

Tabela 1
Datações de Sítios Arqueológicos Aratu

Autor	Datação	Sítio	Código
Etchevarne	870±50 AP	Piragiba	GIF-10999

	660±30 AP	Água Vermelha	Beta-296867
Calderón	870±90 AD	Guipe	SI-142 ou SI-542
	1360±40 AD	Beliscão	SI-341 ou SI-541
	1050±250 AD	São Desidério	GIF-1440
González e Zanettini	770±50 AP	Sauípe-10	Beta-128682
Wüst	895±90 AP ou 1055 AD	GO-CA-01	SI-2195
	1140±90 AP ou 810 AD	GO-CP-02	SI-2770
	1070±150 AP ou 880 AD	GO-CP-02	SI-2771
	960±75 AP ou 990 AD	GO-JU-04	SI-2768
	1120±90 AP ou 830 AD	GO-RV-02	-
	1090±110 AP ou 860 AD	GO-RV-02	-
	980±110 AP ou 970 AD	GO-RV-02	-
González	171 DC	GO-CA-02	-
	1175 DC	GO-RV-13	-
Schmitz et alii	1065±90 a 1095±70 AD	Fase Sapucaí	SI-822 e SI-824
	400 DC	-	-
Perota	1610 a 1630 AD	Nova Almeida	-
Simões	1500 – 1600 AD	F. Itanhém	-
	1730±75 a 1780±75 AD	F. Itaúnas	SI-834 e SI-829
	800 – 1300 AD	F. Guarabu	-
	1345±70 AD	F Jacereípe	SI-836
	1065±90 a 1095±70 AD (41 ^a)	F Jaraguá	SI-822 e SI-824

Cronologia dos Sítios e Fases da Tradição Aratu e da Tradição Sapucaí (em AD)

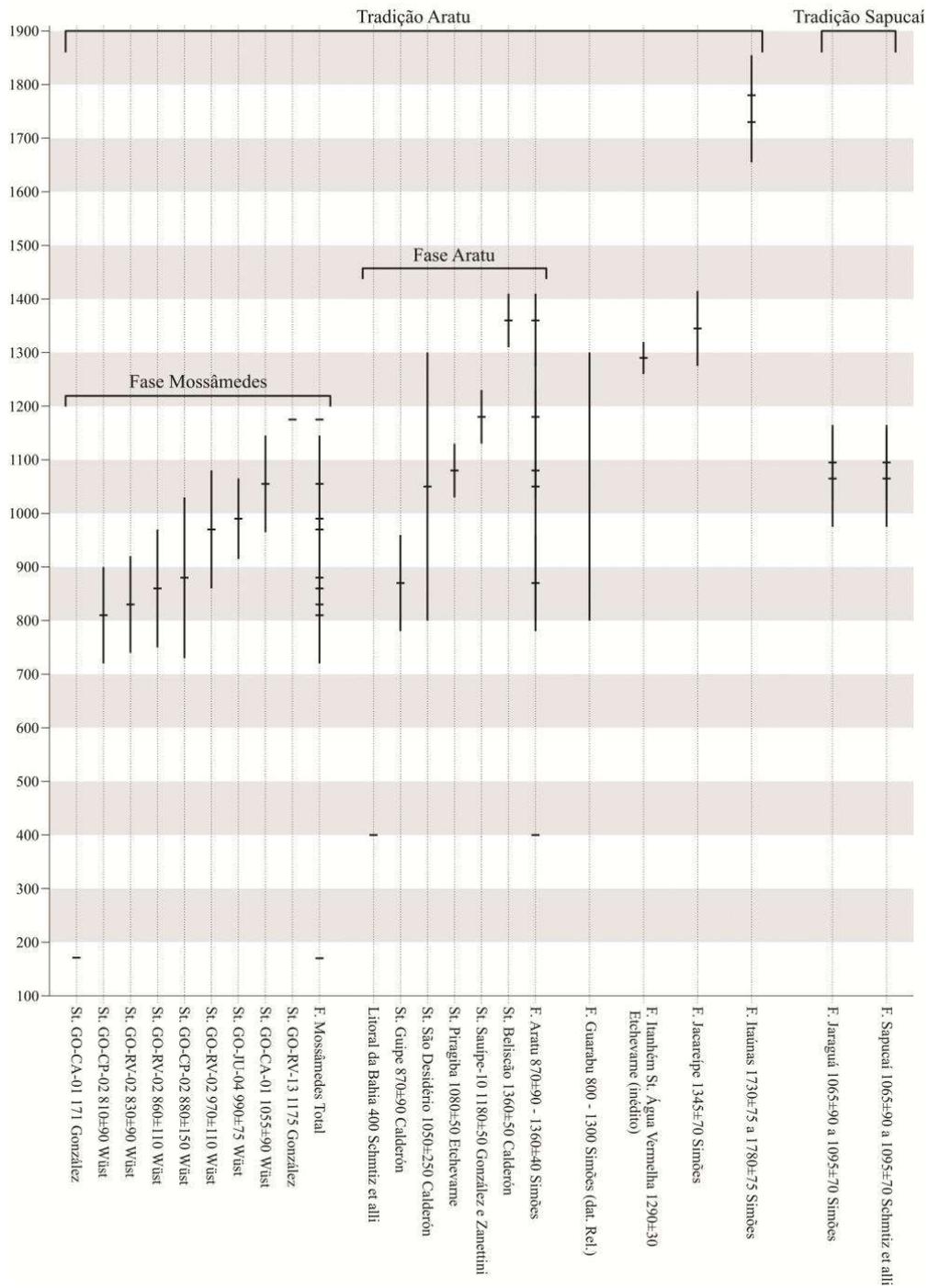


Figura 2: Cronologia dos sítios e fases da Tradição Aratu e da Tradição Sapucaí

Luydy Abraham Fernandes

Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

luydyabraham@gmail.com

REFERÊNCIAS

- BROCHADO et alii. 1969. “Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o PRONAPA”. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas nº 12, 25-39.
- CALDERÓN, V. 1969. “A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do Estado da Bahia. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do terceiro ano 1967-1968”. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas nº 13, 161-172.
- CALDERÓN, V. 1971. “Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia: resultados preliminares do quarto ano 1968-1969. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi”. Publicações Avulsas nº 15, 163-174.
- CALDERÓN, V. 1973. “A pesquisa arqueológica nos Estados da Bahia e Rio Grande do Norte”. *Dédalo*, v. 9, n. 17-18, jun./dez. 25-32.
- CALDERÓN, V. 1974. “Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do Sul da Bahia: resultados preliminares do quinto ano 1969-1970”. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas nº 26, 141-156.
- COMERLATO, F. 2008. *Relatório Final – Salvamento e monitoramento arqueológico no traçado da rodovia BA-148 (Rio de Contas – Jussiapé)*. Salvador: MAE/UFBA. Digitado.
- COSTA e COMERLATO. 2008. *Relatório final do salvamento arqueológico nas áreas de abrangência das obras das rodovias BA-693 e BA-698 (Ibirapuã, Mucuri e Nova Viçosa)*. Salvador: MAE/UFBA, Digitado.
- ETCHEVARNE, C. 1999/2000. “A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa”. *Revista da USP*. v.1, nº 44 dez./fev. 112-41.
- FERNANDES, L. 1998. *Projeto de mapeamento de sítios arqueológicos do recôncavo e litoral sul: terceiro diário de campo*. Salvador. Manuscrito.
- FERNANDES, L. 2001. *Relatório de viagem a Piragiba*. Salvador: MAE/UFBA. Digitado.
- FERNANDES, L. 2003. *Os Sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba – BA*. Dissertação de Mestrado, UFBA. Salvador.
- FERNANDES, L. 2007. *Relatório Final do Resgate e Monitoramento Arqueológico na Rodovia BA-001*. Salvador: MAE/UFBA. Digitado.
- FERNANDES, L. 2010. *Mapeamento Arqueológico – Recôncavo Baiano*. Salvador: UFRB.

- FERNANDES, L. 2011a. *As Lâminas de Machado Lascadas Aratu de Piragiba – BA*. Tese de Doutorado, UFBA. Salvador.
- FERNANDES, L. 2011b. *1º Relatório de visita: Município de Sítio do Mato – BA*. Salvador: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica. Digitado.
- FERNANDES, L. 2011c. *2º Relatório de visita: Município de Sítio do Mato – BA*. Salvador: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica. Digitado.
- FERNANDES, L. 2011d. *3º Relatório de visita: Município de Sítio do Mato – BA*. Salvador: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica. Digitado.
- FERNANDES e PALERMO NETO. 1999. *Relatório de visita a São Félix do Coribe*. Salvador: MAE/UFBA. Digitado.
- FERNANDES e MOTA. 2000. *Acompanhamento arqueológico na Vila de Abrantes: relatório de atividades desenvolvidas*. Salvador: MAE/UFBA. Digitado.
- FERNANDES, S. 2001. *Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do vale do rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucai*. Dissertação de Mestrado, USP. São Paulo.
- GONZÁLEZ E. 1996a. “Os grupos ceramistas pré-coloniais do centro-oeste brasileiro”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. nº 6. 83-121.
- GONZÁLEZ, E. 1996b. *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. Tese de Doutorado, USP. São Paulo.
- GONZÁLEZ e ZANETTINI. 1997. *Projeto Sauípe: relatório de atividades, fase 1*. Salvador: Zanettini Arquitetura Planejamento e Consultoria.
- GONZÁLEZ e ZANETTINI. 1998. *Projeto Sauípe: relatório de atividades, fase 2*. Salvador: Zanettini Arquitetura Planejamento e Consultoria.
- GONZÁLEZ e ZANETTINI. 2001. *Programa Arqueológico de Resgate: relatório final complexo ecoturístico, etapa 1*. São Paulo: Zanettini Arquitetura Planejamento e Consultoria.
- LOCKS e BELTRÃO. 2001. “Adorno acompanhando enterramento no sítio Alto de Santa Cruz - região arqueológica de Central, Angical, Bahia”. 11º Congresso da SAB (Resumos). Rio de Janeiro. 152.
- MARTIN, G. 1999. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 3ª Ed. Recife: Edit. Univ. UFPE.
- MAE-UFBA, ASSOCIAÇÃO DE ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA DA BAHIA. 1987. *Registro de Sítio*. Salvador. Manuscrito.
- OLIVEIRA e VIANA. 1999/2000. “O Centro-Oeste antes de Cabral”. *Revista da USP* nº 44, Dez/Fev. 142-189.
- PEROTA, C. 1971. “Considerações sobre a cerâmica Aratu nos Estados da Bahia e Espírito Santo”. *Boletim do Museu de História e Arte - Arqueologia* nº 1. UFES.
- PROUS, André. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB.
- La SALVIA e BROCHADO. 1989. *Cerâmica guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.

- SCHMITZ; BARBOSA; RIBEIRO. 1978-80. "Os cultivadores do Planalto e do litoral". Anuário de Divulgação Científica. n. 9 (Série Arqueologia Brasileira nº 5). IGPA-UCG.
- SCHMITZ; WÜST; COPÉ; THIES. 1982. "Arqueologia do centro-sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil". Série Antropologia, nº 33. Instituto Anchieta de Pesquisas.
- SIMÕES, M.1972. "Índice das fases arqueológicas brasileiras 1950-1971". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas nº 18.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. 1999. *Diagnóstico do patrimônio arqueológico na área do eixo de obras da Usina Hidrelétrica de Itapebi*. Porto Seguro: Núcleo de Pesquisas Arqueológicas. Digitado.
- WÜST, I. 1983. *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial*. Dissertação de Mestrado, USP.
- WÜST, I. 1992. *Salvamento de uma urna com restos osteológicos da fase Mossâmedes no município de Sanclerlândia, Goiás: sitio Buriti, GO-JU-54*. Goiânia: Museu Antropológico - UFG. Digitado.